

II CONCURSO "CAUSOS SABESP E OUTRAS VERDADES - ACONTECIMENTOS"

PRIMEIRO COLOCADO

Maria Antonieta Vieira Olivo

042 – Quem faz o bem recebe o bem!

Era a primeira vez que a Sabesp realizava um concurso para contratação de novos empregados, experiência totalmente nova para todos que já faziam parte do quadro de funcionários, havia muita expectativa para saber como isto se daria.

Na ponte Pequena, que na época centralizava todo atendimento relativo a seleção e contratação de pessoal, o burburinho era maior, pois já se esperava que depois das provas os candidatos procurassem pelos resultados e que, provavelmente, ligariam para lá ou iriam pessoalmente tentar obter tal resultado; tínhamos um PABX com 30 linhas tronco e 300 ramais atendidos manualmente por cinco telefonistas que, além do atendimento e passagem das ligações para os ramais efetuavam todas as ligações solicitadas, pois ninguém conseguia pegar linha para fazê-las sozinho.

Chegou-se a conclusão que não haveria condições de atender todos que para lá se dirigissem ou ligassem atrás dos resultados, então ficou determinado que, como havia um alambrado no estacionamento externo, exemplares do Diário Oficial seriam afixados para que os candidatos pudessem consultar; e assim foi feito.

Na semana em que os resultados saíram as telefonistas quase que enlouqueceram de tantas ligações que entravam no PABX, e para todos a orientação era a mesma:

- Por favor, dirija-se até aqui na portaria, pois estão afixadas as paginas do Diário Oficial com os resultados no alambrado do estacionamento.

Em uma tarde entrou uma ligação de um candidato solicitando o resultado do concurso, e a telefonista que o atendeu lhe disse:

- O senhor precisa se dirigir até aqui para consultar o Diário Oficial que está

E o rapaz do outro lado da linha suplicou:

- Moça pelo amor de Deus, será que você não poderia ver o resultado pra mim,

sou um pai de família desempregado e não tenho nem o dinheiro da passagem pra ir até ai, o único dinheiro que eu tinha hoje comprei o leite pro meu filho, minha esperança é conseguir uma vaga na Sabesp, pois estou desesperado.

A telefonista por um instante lembrou-se da sua própria situação quando entrou na companhia, com dois filhos e somente o marido trabalhando e ganhando muito pouco, quando foi chamada para trabalhar não tinha nem um bom calçado para por no pé, chegou a ser ridicularizada por uma companheira de trabalho que um dia lhe perguntou:

- Escuta aqui, você não tem outro sapato pra vir trabalhar, este seu está uma vergonha.

E ela respondeu envergonhada:

- Não, não tenho e só poderei comprar outro quando receber meu primeiro salário.

Então ela resolveu ajudar o rapaz do outro lado da linha e lhe disse:

- Moço agora eu não posso ir lá fora ver, mas me dá seu nome e o cargo a que concorreu, depois das 17:00 hs quando o movimento é menor eu vou lá e vejo. Me liga às 18:00 hs.

E assim foi feito, quando ela foi consultar a classificação e viu que o rapaz não

só havia passado no concurso, mas como o terceiro colocado para o cargo de motorista que oferecia muitas vagas voltou para a sala do PABX com lágrimas nos olhos, vibrando e contando para as amigas que aquele desconhecido conseguiu passar no concurso.

Quando ele ligou para saber o resultado ela vibrou com ele, fez uma festa como se fosse alguém de sua família:

- Adilson parabéns você passou em terceiro lugar e vai ser meu colega de trabalho aqui na Sabesp, se Deus quiser seus problemas vão acabar:

Do outro lado da linha o rapaz chorou e disse:

- Você não sabe o bem que me fez hoje, enquanto eu viver eu vou me lembrar da sua bondade e um dia ainda quero te conhecer pessoalmente.

Passaram-se quase dois anos e aquela telefonista foi designada por sua

encarregada para cobrir férias em Mauá, como era muito longe e ela teria que entrar às 7hs verificou se havia algum transporte que fosse para lá e soube de um caminhão

que passava às 6hs próximo da sua casa, entrou em contato na regional de onde o caminhão saía e pediu para avisar o motorista que estaria em local marcado esperando-o.

Na manhã seguinte entrou no caminhão e sentou-se ao lado do motorista,

começaram a conversar, o rapaz ao volante lhe perguntou seu nome e onde ela trabalhava e ela respondeu que era telefonista da Ponte Pequena, ele com a voz

embargada e os olhos marejados de lágrimas disse:

- Olha esperei muito por esse momento, saiba que você pode ter me esquecido

mas eu enquanto viver nunca vou me esquecer do bem que me fez, lembra-se de um rapaz que te pediu para ver o resultado do concurso há mais ou menos dois anos sou eu, naquele dia você fez toda diferença na minha vida e eu sempre vou ser grato a Deus por ter te colocado naquele telefone.

Hoje ela não é mais telefonista e ele prestou outro concurso na prefeitura e foi

para um cargo e salário melhor, mas com certeza os dois ficaram melhores fazendo e recebendo o bem.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

SEGUNDO COLOCADO

José Carlos Santos Peres

058 – JOÃO PELADO

Quando a chefia o convocou para cobrir férias em cidade vizinha a primeira coisa que lhe veio o fez gaguejar no "deixa com nós". Sabia que a pequena Estação localizava-se a quilômetros da pensão onde ficaria, encravada entre serras e mata fechada, com acesso por uma estradinha feita em curvas até morrer na represa das capivaras, de onde a água era retirada para tratamento e posterior distribuição.

Não que fosse um sujeito medroso, desses de tremer à presença da própria sombra. Mas naquela Estação, sabendo que pelo sistema de trabalho teria de fazer todos os horários, inclusive o noturno, e tendo ouvido falar de coisas estranhas que aconteciam por lá, gaguejar no "deixa com nós" até que fora pouco.

A primeira semana em seu novo posto correu-lhe sem sobressaltos. Um morcego aqui, uma coruja ali, um sapo coaxando debaixo da mesa, um bugio atrapalhado entre galhos de um aborrecido salgueiro-chorão; vento batendo porta e janela na ETA... Nada mais que pequenos arrepios.

Deixava a pensão por volta das quatro para poder estar no local de trabalho pouco antes das seis, tendo tempo de se inteirar de demandas existentes. Madrugadinhas movimentadas aquelas, com o pessoal da lavoura nos bons dias e Deus te acompanhe; mugir de vacas, atropelo de cavalos e sustos de pássaros; o agridoce das frutas orvalhadas, cheiro de terra vermelha rasgada para sementeiras.

Parêntesis, que a pensão vale um aparte: prédio perdido num amarelo derreado, com algumas portas voltadas à rua. Significa que o hóspede para ir ao banheiro tinha de sair à rua e bater à porta de entrada. Saia para poder entrar. Difícil mesmo era acordar as proprietárias: duas idosas de todos os anos, ambas deficientes auditivas. Acordava-se toda a pensão, menos as mulheres. Mais dois inconvenientes: levantar de manhã se coçando todo, tamanho o volume de picumãs que despencavam dos caibros e, sob o chuveiro, calçar chinelos de borracha: era comum ouvir alguém gritar lá de dentro -"essa merda está dando choque". Cada choque de fazer pular o sabão coringa e a bucha de metro, gentilezas da casa.

Com o passar dos dias as histórias que lhe foram contadas, carregadas de mistérios, caíram na vala do esquecimento. Mal se lembrava de urna e de outra. E entre elas a que mais o atormentava — agora já nem tanto — dizia de uma alma penada que costumava perambular por aquele local, altas horas, com uma particularidade que a diferenciava de outras tantas que por aquelas bandas se haviam: ela se fazia nua!

Cuide-se, recomendou-lhe outro seu companheiro de ofício quando soube de sua interinidade naquela estação. Cuide-se porque a alma penada é de um sujeito que em vida fora surpreendido com mulher alheia por um marido ciumento que não pensou duas vezes em sacar de sua peixeira para lavar com sangue a honra ofendida.

Seu último dia na Estação, então no turno da madrugada corria na mais absoluta calma. O radinho na Gaúcha, com Jaime Costner; o barulho quase calado do motor carregando água, o bater monocórdio do dosador de flúor num interminável chap-chap e o ciciar do vento derrubando folhas do chapéu-mexicano no pátio; às vezes algum grilo sonâmbulo... Tudo solidão e silêncio. Até que...

Ele nos contou, assim que retornou da interinidade, que estava a lançar os dados das cinco no Boletim quando percebeu algo sob a lâmpada de 100 watts que mal iluminava um pequeno espaço no pátio, aquele, onde folhas do chapéu mexicano despencavam ao desejo do vento.

Não pagou para ver: no que decifrou a alma penada pela fresta que a janela permitia encontrou forças para "arrepiar carreira", tendo em sentido contrário a Alma adentrando o prédio. Num repente, lembrou-se de fechar a porta, com a Alma Pelada

já dentro da sala; esquecendo-se, porém, do paradoxo: se espírito, porta alguma haverá de retê-lo. Lembrou-se disso já na estradinha, apertando a chave no bolso; "enxergando" outros fantasmas em todos os galhos ao vento, percebendo o bafo de assombração em sua nuca e amaldiçoando a hora em que disse à chefia aquele maldito "deixa com nós".

E foi às cegas que trombou, literalmente, com o que pensara ser outra alma penada — "vai ter alma penada assim no inferno" - a abrir o colchete que dividia a estradinha em duas. Tratava-se do operador das seis, chegando, como era de seu costume, bem antes do horário: ter tempo "para cevar" os peixes da bacia de captação, e que ao ouvir, no atropelo da fala do colega, que a alma pelada estava presa na ETA, não controlou o riso.

Ora, não seja bobo. Essa coisa de alma penada é história que a turma conta aqui quando chega funcionário novo. Inventa para assustar o peão. Trata-se do João Pelado, ■ um andante que perambula por essas bandas, incapaz de fazer mal a alguém. Ele aparece na ETA, de vez em quando, para tomar água, um café ou alguma coisa para comer. Há muita lenda em torno dele, mas tudo papo furado.

Retornaram à Estação para soltarem um assustado João Pelado que ao ver a porta aberta saiu em disparada, corno se estivesse a ver algum fantasma á sua frente. Saiu para — pelo que se sabe ainda hoje - nunca mais voltar.

Nunca mais voltar foi também a intenção demonstrada pelo nosso interino, deixando escapar que ficara na dúvida sobre a existência física ou incorpórea do João Pelado. A sua única certeza ficou expressa ao se encontrar com a chefia, assim que reassumiu sua função em Avaré: "naquela ETA eu não trabalho nunca mais. Nem morto! Nunca vi lugar para ter tanto alma penada corno lá".

XX

TERCEIRO COLOCADO

Samuel Camargo Neto

017 – O SINISTRO CHURRASCO NA TERRA DOS LOBSOMENS!!!

Nossa galera que frequenta os Grêmios e a Associação Sabesp, costuma dizer SEMPRE a mesma coisa "quem não tem passado não tem história". Essa sinistra história se passa na década de 2000 com a galera do Grêmio Mirante e com o Grêmio Costa Carvalho. Figura carimbada do Grêmio Costa Carvalho, o então presidente na

época Alberto Caixeta, realizava constantemente um jogo de futebol em Porto Feliz, onde vários de nós já fomos, jogamos e lá fomos muito bem recebidos e tratados.

Para tentar retribuir, eu Samuel, arrumei um jogo de Futebol em Joanópolis, município atendido pela MN e também mundialmente conhecido como “capital nacional dos lobisomens”. Acredite ou não, o fato é que em Joanópolis não é nada difícil encontrar moradores, principalmente os mais antigos, que afirmam já ter visto o lobisomem rondando pela cidade em noite de lua cheia, e do mito surgiu a tradição que os moradores da cidade cultivam até hoje. Antes temido, hoje o lobisomem de Joanópolis é atrativo dos turistas, e a cidade possui até uma Associação dos Criadores de Lobisomens. Falei com o Donizete nosso funcionário da região para conseguir um horário no campo deles, para realização de um jogo de futebol e após o mesmo faríamos um churrasco de confraternização entre os funcionários da Sabesp de São Paulo e de Joanópolis. Donizete de prontidão aceitou e me pediu para arrumar dois times um de “másteres” e outro “livre”, acertei com o Alberto de juntarmos os times do Grêmio Costa Carvalho e Mirante e montarmos o de “másteres” ele topou e aí, consegui junto com o Jose Carlos BOLA um apoio para ele levar os nossos boleiros aqui de São Paulo para apresentarmos um time forte para jogar com os feras de Joanópolis.

Acertada a data, seria num sábado, o jogo de “másteres” começaria as 12:00 hs e o principal as 14:00 hs, tudo terminaria por volta das 16:00hs e aí até umas 19:00hs horas aconteceria um churrasco de confraternização. Alugamos um ônibus para levar os nossos atletas até o local do jogo, o estádio municipal de Joanópolis, sábado de sol, esse dia prometia muita alegria. Na semana que antecedia o jogo, combinamos o restante do que faltava, uniforme e começamos a convidar os nossos atletas: Para o Masteres chamamos, Eu, Samuel, meu pai Celião, Caixeta, Freitas, Joaquim, Robertinho, Bola, Benê, Adão, Chicão do Grêmio, Zé Antonio, Robertinho Eustáquio, Ataíde, e muitos outros que os nomes não me veem na memória. Para o principal o BOLA, convocou os seguintes nomes: André, Jean, Cabelo, Jeferson, Rogérinho, Ivan, Mané, Dinair, Pinguim, Rodrigo, Gustavo, Marquinhos Siqueira, Ziquinho e muitos outros. O ônibus partiu da Costa Carvalho por volta da 08:00 hs passou no Mirante às 09:00 hs e seguimos rumo à cidade dos Lobisomens. Como em todos os nossos encontros o que rolava nas viagens, era muita música, e piadas, chegamos a Joanópolis, e logo fomos colocar o uniforme, porém o time adversário

não estava, chegaram por volta das 13:00 hs e aí começou os atrasos, o BOLA nosso jogador, técnico, conselheiro, etc.; armou o time e fomos pra cima dos caras, porém o time deles tinha alguns jogadores muito bons tecnicamente e aí começaram a inverter o jogo, colocaram o nosso time sob pressão, não demorou muito, marcaram o primeiro; um a zero. Conversamos tentamos corrigir as falhas e eles marcaram novamente dois a zero. Acabou o primeiro tempo fizemos algumas substituições, os nossos “tiozinhos” estavam cansados da viagem, a substituição surtiu efeito e acho que o Benê marcou o nosso gol, dois a um, porém o time deles era realmente superior ao nosso marcaram mais dois e aí nós diminuimos mais uma vez, primeiro jogo encerrado, 4 X 2 para o time de Joanópolis.

Fomos para o vestiário cansados, pois o campo era enorme, tamanho oficial, eu o Caixeta e o Bola muito bravos, falamos: - no principal a gente desconta. Nessa altura eram mais ou menos umas 15:00 hs, o jogo do time principal precisava acabar antes de anoitecer, pois o estádio não tinha iluminação, e ainda tinha o nosso churrasco, e a volta estava marcada para as 19:00 hs, o que combinamos com o motorista do ônibus.

O nosso “menager”, conselheiro, técnico, roupeiro; BOLA acertou o principal e fomos para a revanche. Jogo bom, muito disputado, os dois times sabiam o que fazer com a bola, mas nesse jogo principal, mostramos para os lobinhos a força do time da capital, numa jogada envolvente, Jefferson abriu o placar, logo depois André driblou dois na entrada da área e chutou e ampliou dois a zero, em seguida Dinair nosso homem gol arrancou ganhou do zagueiro e ampliou três a zero no primeiro tempo. Fomos para o intervalo bem no sossego, nosso treinero falou: - Quem sabe, sabe! Não disse que do principal eles não ganhavam; Nessa altura por volta das 17:00 hs a noite já dava o seu sinal, apressamos o retorno da partida, pois ainda tínhamos o “churrasco” (e nada de ninguém acender pelo menos o braseiro). Fomos para o segundo tempo e o jogo começou envolvente, o time de Joanópolis não queria perder, Donizete que era o técnico da cidade avançou os time e logo eles diminuíram. O BOLA já pressentindo o que viria pediu para os nossos jogadores mais atenção pois estava 3X1, mas o nosso time pensando que o jogo já estava ganho não queria acelerar, era só posse de bola, vira o jogo para um lado e para o outro e numa roubada de bola o irmão do Gustavo que também era da cidade de Joanópolis driblou o nosso zagueiro e diminuiu, o placar 3X2 e a noite caindo, o BOLA chamou nosso

meio de campo e zagueiro, xingou todo mundo e fechou o time, mas já estava no final, Donizete que era amigo do juiz gritava na beira do campo; - enquanto não empatar o jogo não acaba. Todos naquela tensão e pressão, a noite caindo, frio, o jogo pegado e nada de churrasco, até que o juiz se deu conta do horário e acabou a partida, 3 a 2 para o time da Capital, ganhamos dos lobinhos. Mas até àquela hora nada do braseiro e de churrasco, que já estava pago, cheguei no Donizetti e falei: - E aí não vai rolar nada? E ele falou: - calma, o rapaz que providenciou as carnes do churrasco estava jogando... ele pegou a moto e foi buscar, logo começaremos a deliciar as carnes. Já era noite, só tinha uma área coberta e iluminada no campo, Donizetti começou a acender o braseiro, estava tudo certo para o início do “churras”, mas nada das carnes.

Os times tinham acabado de tomar banho e nada de churrasco, todos conversando, com fome, já tomando algumas cervejas, quando de repente, na escuridão da noite o portão do estádio se abre, de onde estávamos só dava para ver os faróis e uma sirene e sinaleira ligada, parecia a chegada de uma ambulância ou de um carro de polícia. Todos os nossos jogadores já impacientes e também intrigados com a chegada daquele carro que se aproximava. O carro com a sirene e sinaleira ligadas, encostou próximo ao local do nosso churrasco e todos do nosso time sem entender nada ficaram só observando, o tal carro fez uma manobra encostou de frente, para que a parte de trás ficasse bem próxima a churrasqueira, só nesse instante é que todos os presentes do nosso time observaram o logo e o nome do dito carro: “FUNERÁRIA DE JOANÓPOLIS, ONDE O SEU DESCANSO É GARANTIDO”; Sem entender nada continuamos observando, desce então do fúnebre carro, um cara que estava jogando no principal, e já pedindo desculpas pelo atraso; - Desculpa a demora galera, o açougueiro ainda estava preparando os espetos. Toda a nossa turma continuava a observar e ele simplesmente abriu a parte de trás do carro, puxou aquela rampa com rodízios onde geralmente se carrega os caixões dos defuntos, e para a nossa surpresa e espanto lá saiu um enorme isopor com os espetos de churrasco para serem assados, puxando mais um pouco a rampa as linguças e mais um pouco as cervejas e um litro de cachaça local. O meu time, sem entender nada, meio assustados, estranhando a situação, logo começaram a falar e pegar no meu pé: - Pô Samuca assim não dá, qual a procedência dessa carne, esse churrasco está muito sinistro, não dá para encarar. Donizete entrou na conversa; - Galera não tem

problema não, O Zezinho que joga no time e trouxe a carne é gente boa, ele tanto é dono do açougue como também da funerária da cidade, podem comer a carne que é de procedência, garanto que vocês não vão morrer por causa dela, mas se acontecer o carro já tá de prontidão. Nessa altura quase oito da noite, todos com fome, já com umas brejas na cabeça, só foi o Donizetti começar a assar que a galera toda se deliciou no sinistro churrasco, todos comeram e beberam a vontade.

Na volta do ônibus, todos cansados comentando o jogo, perdemos o de másteres, ganhamos o principal, mas a grande atração foi o “sinistro churrasco, aonde as carnes vieram transportadas no carro da funerária da cidade”. Toda vez que convido a galera para um jogo, já me avisam: - não precisa inventar o churrasco.!

Tempo muito bom, de muitas alegrias e amizades, precisamos incondicionalmente manter esses momentos de onde se prevalece as verdadeiras amizades, muitas alegrias, risadas, piadas regadas sempre com um “bom churrasco”.

Um abraço a todos!!!!

[illegible]